N. 4 1. ANNO

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADO ÁS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS
Anno 300
Com estampilha 360

GUIMARÃES
DOMINGO 18 DE JULHO DE 1886

TODA A CORRESPONDENCIA
Deve ser dirigida á
REDACÇÃO

A MORTE DOS NOIVOS

TINHAM o peito repleto de amor e felicidade, só com os felizes momentos decorridos em dialogos ternos e proprios a entes apaixonados.

Um dia julgaram fastidiosa a distancia que os prohibia de se estreitarem mutuamente; por isso, concertaram entre si, unirem se pelo indissoluvel laço do matrimonio; e, para nos servirmos da sua constante phrase, o amor de duas almas candidas devia ser inseparavel.

Elle, foi sollicitar ao pae a sua mão; mas o pae, attendendo ao desiquilibrio que havia nos interesses, deu-lhe em resposta um execrando—Não !

Sahiu triste e cabisbaixo, vergado pelo cruel effeito d'aquelle—Não—que lhe era mais terrivel do que é para o nauta o mar levantado em procelosas vagas.

Descia inconscientemente as escadas, humilhado pela atroz recusa; mas lá ao fundo estava ella, triste como a dôr, bella como os anjos !

Esperava-o alli.

Ao vel-o, avaliou logo pelas alterações do semblante a excitação e a luta que se lhe tinham desenvolvido no peito; então pegou-lhe nas mãos, e disse-lhe com uma voz que revelava amargura e ao mesmo tempo uma resolução inabalavel e convincente:

—Ouvi tudo ! mas socega, agora ainda mais te amo. Se meu pae não consentir a nossa união n'este mundo, as nossas almas juntar-se-hão lá no outro !

E duas lagrimas refulgentes como diamantes e quentes como o sol, lhe deslisaram pelas tristes faces, indo cahir sobre as mãos do querido do seu coração.

Elle, com voz quasi inintelligivel apenas balbuciou :

—Sim, sim, o nosso amor nada o poderá extinguir. As nossas almas devem formar um só todo.

Adeus...talvez seja o ultimo que me ouças pronunciar n'este mundo; mas lá no outro, na mansão dos anjos, Deus hade reunir as nossas almas.

E sahiu.

Ninguem mais o tornou a ver nas ruas da cidade; encerrado em casa, alli tinha por companheiros a dôr profunda e estigmatisadora da sua vida, e o amor que lhe abrazava o peito.

Ella, vio-o sahir, os seus pequeninos olhos borbulhavam torrentes de lagrimas que lhe vinham refrigerar o incandescente da afflição. E' que as lagrimas da mulher são o allivio das suas proprias dôres. São ellas o unico refrigerio das suas pungentes desditas.

Subiu para a sala, alli sobre um sophá, deu de novo expansão ás lagrimas; os confusos e assustadores pensamentos vinham perturbar-lhe o cere-

bro; a dôr cruciante do amor interrompido, dilacerava-lhe o coração.

Adoeceu.

. . . . . .

. . . . . .

Eram passados quinze dias. Na mesma sala estavam todas as pessoas pertencentes á familia; em duas cadeiras viam-se assentadas duas pessoas, que no aspecto das suas phisionomias demonstravam o palor da morte, e que ao fictal-os dir-se-iam dois cadaveres.

Eram elles, os martyres do amor, as victimas d'uma recusa.

Um sacerdote chamado a toda a pressa, uniu pelos sagrados laços do matrimonio essas duas almas que eram incessantemente attrahidas uma para a outra.

Este solemne acto que tinha por fim satisfazer os vehementes desejos aos noivos, foi sentimental e lugubre; porque ao terminarem o—Sim—que ardentemente ambicionavam, cahiram inanimados e sem vida !

Foi um momento de horrivel transporte e oppressão para os assistentes. Todos pareciam suffocados pelo agudo da dôr. As lagrimas que abundantemente corriam de todos os olhos, eram a expressiva significação da angustia, que todos sentiam no peito.

As duas existencias que ha pouco se erguiam vigorosas, bellas e cheias de vida, embaladas pela doce esperança de um futuro cheio de felicidade, foram arremessadas para o tumulo pelo impeto do infortunio.

A. Pires.

NA PENUMBRA

Quando eu era creança,
phantasiava altissimos castellos,
cheios de azul, de sonhos e de esp'rança.

Mas uma vez dei fé,
que sobre tantos aposentos bellos....
faltava não sei quê.

Porem, só hoje, n'uma vida triste,
me lembrei que faltavam teus anhelos,
hoje, que não existe
nem leve sombra d'esses bons castellos !...

ANTONIO FOGAÇA

PERFIL

M....L.

QUANDO a vejo, recorda-me um botão de rosa ao receber os primeiros beijos de borboletas.

Tem quinze annos.

Na pureza d'aquella fronte da mais perfeita combinação de jaspe e carmim, ha sempre uns tons de tristeza a emoldurar uns sorrisos de innocencia, que accusam as phantasias de uma creança que entra na vida sondando as imagens do porvir.

E' bella como a Lilli de Goethe, gentil como a haste do junquilho, pura como as gôtas de orvalho que os rócios das manhãs de abril derramam sobre os malmequeres da campina. Ainda a não conhecem ?

Venham commigo ao jardim.

Vêem aquella creança de cabellos cortados, com o collo emoldurado por um laço do mais vivo escarlate ?

E' ella.

Lucia Gentil.

UM BAPTISADO

(IMITAÇÃO)

MUITO contente á janella, a mãe, segue com a vista o filhinho e todos os convidados. Lá em cima, no alto da collina, os sinos da egreja repicam festivamente. Nos braços d'uma mocetona de faces rosadas, sorri uma formosa creança, toda vestida de branco e adornada de rendas, que vae ser baptisada.

Faz uma bella manhã; os caminhos estão ainda humidos dos aguaceiros da noite; o espaço enche-se de vibrantes risadas, soltadas pelos rapazes e raparigas que se dirigem para a egreja, situada lá em cima, no alto da collina.

Bandos de aves chilream nas arvores cobertas de verde folhagem.

Camponezas correm a beijar a creança, que sorri nos braços da mocetona, toda vestida de branco e adornada de rendas.

Em seguida atiram flores sobre as faces da creança que sorri tão docemente !

. . . . . .

. . . . . .

Muito contente á porta, a mãe recebe o filhinho já baptisado, aljofrandolhe o mimoso semblante com beijos de amor !

Porto.

Emilia Gomes Quintães

Devida á brilhante penna d'uma tão distincta quanto modesta dama vimaranense, gostosamente publicamos hoje no nosso jornal a seguinte mimosa poesia :

O ROUXINOL

A' sombra deleitosa d'um copado arvoredo,
Foi o cantor plumoso, inebriado, ledo,
Seu trinado soltar.
De seu pequeno peito a voz melodiosa,
Subia, qual d'Orpheu a lyra sonorosa,
As rochas transportar !

E o cantor fadado, o genio conhecia,
De que Deus o dotara, que todo se revia
Nos sons do canto seu.
Da do fragil ramilho em que ufano pouzava,
A terra já não via; orgulhoso julgava
Que pairava no ceo !

Eis que um canto longinquo seu canto repetia,
Mas tendo egual ao seu o canto que se ouvia,
Elle, o cantor, parou.
Creu que eram d'um rival os sons que elle escutava:
Aceita o desafio; e superior se julgava
Ao rival que escutou.

Recordou seus amores, entreteceu-lhe um hymno,
E as notas desprendendo de seu peito divino,
Era a inspiração !
Porem, alem no espaço, o canto lá se ouvia,
E igual no sentimento, egual na melodia,
Tinha a mesma expressão !

Então julgou-se o triste em seu orgulho ferido,
E creu que a seu pezar na lucta era vencido,
Mas protestou vencer !..
Hia arriscar a vida;.. A vida que importava ? !
Era qual o guerreiro que na brecha bradava :
Ou vencer ou morrer !

Que gorgeios celestes ! no canto que estudiva
Reune toda a força que em seu peito guardava,
E um trinado soltou !...
Eis que subito perde de sua voz o encanto !...
E exausto, já sem força, e em meio do seu canto,
O cantor expirou !

Marcella.

Boletim elegante

Desde hoje até ao dia 29 do corrente fazem annos as ex.mas srs.as:

Hoje—D. Maria d'Oliveira Ribeiro.

Dia 21—D. Anna Candida da Silva Ribeiro Martins.

Dia 29—D. Maria Constancia Bandeira Guimarães.

Idem—D. Maria de Oliveira Ferreira d'Abreu.

Acham-se a banhos :

Vianna do Castello—Os ex.mos Barão e Baroneza de Pombeiro e suas ex.mas filhas.

Vizella—O exm.º snr. José Martins da Costa Minotes, sua exm.ª esposa e filhos.

Gerez—O ex.mo snr. Francisco Ribeiro Martins da Costa.

Ancora—O exm.º Dr. Francisco Martins Sarmento, sua exm.ª esposa, e sobrinha.

Povoa de Varzim—Exm.ª sr.ª D. Delfina do Amaral Ferreira e suas exm.as filhas.

Regressou das Taipas a esta cidade o exm.º sr. Antonio Augusto da Silva Carneiro, sua exm.ª esposa e filhos.

A LARANJEIRA

A LARANJEIRA é, sem duvida, a arvore mais formosa que existe.

E não é só a mais formosa, mas tambem a mais productiva até hoje conhecida.

Nunca as suas tortuosas hastes se viram despidas da folhagem que produzem : de verão ou de inverno, a laranjeira, ostenta sempre o seu fronde com a mesma graça e encantos.

Mas quando ella é mais formosa e encantadora é quando o seu delicioso fructo se destaca entre o verde-escuro da sua folhagem !

O aroma que recendem as suas brancas florinhas, é verdadeiramente inebriante !

O rifão popular, referindo-se á laranja, diz :—de manhã é ouro, ao meio dia prata e á noute mata.

Como de facto, a laranja é muito mais saborosa de manhã, do que de

tarde, e varios casos se tem dado comendo-as á noute, mormente sendo em grande quantidade.

A primeira laranjeira que appareceu em Portugal, foi mandada pelos jesuitas portuguezes que missionavam na China, a qual foi plantada em Xabregas (Lisboa) no anno de 1550.

Tem, por conseguinte, a laranjeira, 33 annos de existencia em Portugal. No Egypto, diz Macrizi, foi introduzido o primeiro pé de laranjeira, no anno de 300, vindo da India, e cultivando-se nos jardins de Baira, d'onde sahiram os pés que deram origem aos pomares da Syria.

Recommendamos, pois, ás nossas sympathicas leitoras que comam sempre a laranja da parte de manhã, porque—pela manhã é ouro, ao meio dia prata, e á noute mata.

A. Bellino.

PENA DE TALIÃO

II

Não se fez na sala um silencio completo, como deveria talvez esperar-se, depois d'aquelle aviso. Pelo contrario. A medonha algazarra que todos faziamos não diminuiu, mas tornou-se compassada e methodica, pautada pelo classico cantarolar do *a b c*, e do *b a ba*. Isto a *pequenada*; os *grandes* repenicavam as lições no *manual* e nas *sentenças*.

Quando entrou na sala o *sr. professor* todos estavam nos seus logares muito attentos a estudar. Ninguem levantou os olhos, mas todos vimos que elle trazia a palmatoria, como verdadeiro culpado, e vinha cabisbaixo como que prompto a receber o correctivo. Mas no rosto adivinhava-se-lhe um sorriso pouco agradavel, um sorriso que fazia lembrar o adagio—com teu amo não jogues as peras;—aquellas porem estavam jogadas. Veriamos...

Parou elle a meio da sala, e impoz silencio. Ia fallar, e poucos seriam já os que não tremiam.

—Os srs. tiveram razão. Gosto da disciplina : sempre gostei por que fui militar. A *sentinella* deveria estar no seu posto ás horas competentes. Lá estava, e o *filado* fui eu.

De repente, mudando de tom :

—Quem poz a palmatoria na escada ?

Silencio completo.

Pegou nas disciplinas e repetiu a pergunta.

—Quem poz a palmatoria na escada ?

Levantou-se um pequenito, um judas que sempre apparece em toda a parte, e pondo-se nos bicos dos pés apontou, dizendo—que tinha sido o Silva.

—Venha cá sr. Silva.

Aqui começou—o amo a comer as peras.

—Pegue na palmatoria e *dê-me* uma duzia de bolos.

O rapaz chorava, e elle para o animar ia-lhe dando com as disciplinas.

—Vá sr. Silva, carregue !

Carregue ! era bom de dizer, mas emfim elle lá foi carregando consoante podia até final da conta.

—Agora eu sr. Silva ! Não o vou castigar, descance, pelo seu correcto procedimento; vou simplesmente enviar-lhe como se dão bolos. Ora vamos, deixe vêr a mão.

Aqui foram ellas. Basta dizer que o pobre rapaz ficou com as mãos empoladas. Com certesa o Silva nunca mais se atreveria a igual heroismo; mas o que tambem posso affiançar é que o sr. professor nunca mais faltou, que eu saiba, á hora marcada.

*

Eu hoje lembrando-me d'esta e de muitas outras partidas que elle nos pregava a nós e nós a elle não posso deixar de dizer com os meus botões :

—Ora o Lopes !

Sergio

CHRONICA DE COIMBRA

Não recebemos d'esta vez a «Chronica de Coimbra.

Porque seria ?...

Responda o sr. Oilvarb Sadlac.

Typ. de Guise.